

O filho de Odin: a construção de si na autobiografia do líder neonazista David Lane

Adriana Dias *

Resumo:

A proposta do presente artigo é pensar a trajetória de David Lane, associando etnografia e a experiência do método biográfico, por meio do trabalho de campo e também me valendo da “etnografia em ambiente hipermediado” (DICKS E MASON, 1998), para problematizar, nas diversas narrativas acerca dele (inclusive as autobiográficas), sua liderança no movimento neonazista.

Palavras chaves: etnografia, trajetórias, neonazismo

Abstract:

The purpose of this article is to think the path of David Lane, combining ethnography and experience of the biographical method, through field work and also through the "ethnography hypermedia environment" (DICKS AND MASON, 1998), to problematize, in the several stories about him (including the autobiographical), his leadership in the neo-Nazi movement.

Key words: ethnography, trajectories, neo-nazism



David Lane

Introdução

Para pensar a trajetória de David Lane, proposta deste artigo, articularemos etnografia e a experiência do método biográfico, por meio do trabalho de campo e também me valendo da

“etnografia em ambiente hipermediado” (DICKS E MASON, 1998), para problematizar, nas diversas narrativas acerca dele (inclusive as autobiográficas), sua liderança no movimento neonazista e como esta liderança é construída e inventada em sua própria biografia.

Na dissertação *Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*, defendida em meu mestrado¹, descrevi como os

¹ Para a dissertação foram etnografados quarenta sites neonazistas, associados ao revisionismo e ao racismo, na WEB, entre os mais de 12.600 endereços eletrônicos então identificados na abordagem quantitativa do fenômeno. Cf. DIAS, Adriana, *Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Campinas, 2007.

internautas que produzem o discurso neonazista na Internet ao mesmo tempo em que se emolduram num retrato radicalmente racializado, que denominam de “arianismo”, elegem como inimigos principais “o judeu” e “o negro”, por estarem estes “inimigos” comprometidos com “o genocídio da minoria branca”. Nestes sites, cuja diversidade abarca URLs produzidas por organizações da KKK, Neonazistas (White Power, Aryan National, National Alliance, entre outras) e grupos skinheads²; e diferentes formas de estilo de hipertexto, como sites institucionais, blogs, fóruns, comunidades virtuais, lojas de produtos (que comercializam discos, livros e “naziwear”³), se observou uma intensa produção de material de recrutamento, que inclui desde vídeos, livros para download, cartazes para impressão e distribuição, manuais de procedimento para a “guerra racial”, a livros para colorir para crianças, para torná-las conhecedoras da “história da cultura ariana”.

Neste material, revelador de toda uma agenda separatista “ariana”, parece imperativa a frequência de textos de autoria de David Eden Lane, ou de referências a eles. Mas, quem é David Lane? Como o movimento neonazista o descreve?

1. David Lane, de prisioneiro de guerra a mártir do movimento supremacista branco

Lane, fundador do movimento Wotansfolk (povo de Wotan, uma referência ao nome germano do deus nórdico Odin), e da “The Order”, nasceu na cidade de Woden (nome germânico de Wotan) no Estado de Iowa.⁴ Filho de um trabalhador rural itinerante, Lane foi abandonado pelo pai antes dos dez anos de idade e adotado por um ministro luterano, com quem desenvolveu uma relação de rejeição recíproca. Aos trinta anos, depois de assumir uma postura anti-semita publicamente, convencido de que “as nações ocidentais eram governadas por uma conspiração sionista que deseja o extermínio da raça ariana branca” (GOODRICK-CLARKE, 2004, p. 359), Lane começa a distribuir panfletos defendendo suas idéias e a desenvolver os primeiros “textos fundadores”, nos quais descreve sua luta como “a batalha entre a linhagem divina e a progênie do Diabo”⁵ (BARKUN, 1994, p. 231). Durante este período ele se debruça de uma gama de tradições esotéricas vinculadas à mitologia nórdica, ao zoroastrismo e à gnose, numa tentativa de esculpir uma nova plataforma de religiosidade “puramente ariana”, assumida por mais de 80% dos sites neonazistas estudados.

A morte de Lane, em 28 de Maio de 2007, na prisão federal de Terre Haute⁶, depois de 22 anos de encarceramento, gerou nos sites neonazis uma narrativa sempre entrelaçada à sustentação de um luto profundo, que localiza Lane como

² Em 2002, havia segundo Raphael S. Ezekiel, etnógrafo do movimento, 36 organizações Klan nos Estados Unidos (com um total de 138 filiais), mais de 20 grupos diversos de Neonazis (com 130 filiais) e 10 associações distintas de skinheads (com 40 filiais).

³ A “moda nazista” possui muitos sites na Internet. Um deles voltado para o público brasileiro pode ser encontrado em <http://www.zyklonbwear.com/>. O nome do site evidencia a agressividade do novo teutonismo.

⁴ Segundo o próprio Lane afirma em sua última autobiografia, escrita na prisão.

⁵ Os neonazistas defendem que os judeus seriam resultado da cópula de Eva com a Serpente do Éden.

⁶ Em Indiana (EUA), enquanto cumpria a pena de 190 anos, a ele atribuída por crimes raciais.

um dos mais importantes líderes do movimento racista, nos Estados Unidos e no mundo. Sua prisão foi descrita como um “ato político” e ele foi definido como “prisioneiro de guerra”. Lane é o autor dos mais importantes credos neo-teutônicos, como “As 14 palavras”⁷, os “14 Porquês”⁸ e os “88 Preceitos”⁹, textos em que o ódio racial é significado como “a única saída” para a “ameaça de genocídio” a que a raça “ariana” estaria sofrendo. Um blog neonazista¹⁰ de Portugal revela de maneira sintética a importância da obra de Lane para o movimento:

Já que os politicamente correctos empenham tanto tempo e meios para mentalizar as crianças ocidentais a seu bel-prazer, de acordo com as directrizes ideológicas internacionalistas, instigando ao pensamento e relacionamento multiracialistas desde a mais tenra idade, fazendo propaganda política enfiada no meio do divertimento, – desenhos animados e filmes em geral, banda desenhada – por vezes de um modo

abjectamente desonesto, com o intuito de tornarem as crianças em futuros «anti-racistas» militantes... [...] Tratem-se de salvar o que ainda é nosso. **Como diz David Lane em catorze famosas palavras, devemos garantir a existência da nossa raça e um futuro para as crianças brancas.**

O mesmo blog descreve da seguinte maneira a morte de Lane:

Na noite de vinte e sete para vinte e oito de Maio, morreu um vulto marcante do Movimento Nacionalista a nível mundial – um dos maiores dinamizadores da visão (mais ou menos) pagã no seio das hostes nacionalistas. [...] Enfim – acreditasse ou não nos Deuses, que suba em glória ao Valhalla.

Destinam-se ao Valhalla, a morada dos heróis nórdicos, informam os sites, os guerreiros que morrem lutando pela “causa ariana”, “futuro para as crianças brancas”. Quando um dos membros do movimento é morto, costuma-se postar em sua homenagem: “Nos vemos no Valhalla”. Após sua morte, surgiram milhares de postagens deste teor, em diversas linguagens, o que aponta para a extrema popularidade da pessoa de Lane no movimento supremacista branco.

Durante o período em que esteve preso, durante o qual foi descrito nos sites informantes como “prisioneiro de guerra”, até o momento de sua morte, em que é transformado, no discurso dos membros do movimento que inspirou, em “mártir da guerra racial”, David Lane produziu diversos textos, inclusive dois que denominou “autobiográficos”.¹¹ Interessa-nos em

⁷ As 14 formam o slogan do movimento de supremacia branca: “We must secure the existence of our people and a future for White children”.

⁸ Neste texto, Lane faz um resumo de seu projeto, balizado no ódio aos inimigos, descrevendo-o como única possibilidade à ameaça de extinção que paira sobre os arianos no mundo.

⁹ Nestes preceitos, Lane fala do lugar dos brancos e de seu tempo, evocando imagens de interação direta com a natureza. O lugar do ariano é entre as montanhas, cercado por verde e sob um céu estrelado. É neste lugar, que o verdadeiro ariano se encontra com a natureza e consigo mesmo. Ele é a própria natureza a serviço da vida. O tempo do ariano não é o tempo contemporâneo, diz Lane: este é um tempo de degeneração moral, marcado pela mídia judaica, pela homossexualidade, pela tirania, pela corrupção, pelo aborto.

¹⁰ Disponível em <http://gladio.blogspot.com>. Acessado em 22/03/08.

¹¹ O texto da autobiografia analisada neste artigo é citado em dezenas de milhares de postagens. O link mais referenciado para a mesma é: http://www.jrbooksonline.com/PDF_Books/Lane/Autobiography_of_David_Lane.pdf.

particular como em um deles, Lane constrói para si uma vida “ariana”, “branca”, “alemã”.

2. Como construir uma vida “ariana”? Uma resposta a partir da relação entre etnografia e histórias de vida.

Da leitura atenta da autobiografia de David Lane, escrita em catorze páginas, também para ressoar seus outros escritos (as catorze palavras e os catorze porquês, por exemplo, entre outros textos que se valem deste número como elemento simbólico), efetiva-se uma tentativa do líder neonazista de recontar sua “história de vida” e trajetória, “inventando” uma vida ariana; Esta se apresenta como um universo extremamente fecundo e um elemento essencial para a abordagem etnográfica. Isto se deve, por um lado, ao fato de que as narrativas acerca da experiência humana demarcam como fonte para compreensão dos processos sociais, e por outro elas também guardam uma nova forma, ou uma nova fórmula para produção de teorias.

Nesta relação, entre biografia e etnografia, se viabiliza uma profunda apreensão das relações sociais, como resposta excelente ao caminho apontado por Strattern, que discutiu se era realmente válido continuar problematizando a etnografia a partir da contraposição entre indivíduo e sociedade. Como problematizar e pensar a trajetória de David Lane à luz dos sites “informantes”, das diversas narrativas acerca dele que serão colhidas em campo, dos interditos que se revelaram, das representações do “ideal ariano” que ele parece representar, é problematizar, ainda, como alguém “se torna ariano”. A hipótese central do presente artigo é que a trajetória de David Lane não é “uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro

vínculo que não a associação a um ‘sujeito’”, mas que ela se insere numa “matriz das relações objetivas entre as diferentes relações”, como aponta Bourdieu acerca da ilusão biográfica (1996, p. 190)

Trata-se de entender como sua trajetória se insere no movimento neonazista, como os participantes do movimento constroem, para Lane, esta vida “ariana”, e como nesta tessitura relacional entre Lane e o movimento se congelam nele um modelo de “predisposições para pensar, agir e sentir” (BOURDIEU, 1989, p. 61) do “ser ariano”.

Pensar essa relação é não aceitar o pressuposto de que se possa creditar a uma vida a idéia de um todo coerente e orientado que “pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” o que seria tecer “uma ilusão bibliográfica” (BOURDIEU, 2000, p.74). É situar agente-campo, não como uma oposição necessária, mas como uma relação. Um primeiro problema, do uso do denominado método biográfico, foi apontado por Pierre Bourdieu, quando questionou o caráter ilusório de tais narrativas. Para compreender melhor a crítica do pensador francês, é preciso levar em consideração que ela se dá em sua interlocução com J. P. Sartre. O que Bourdieu critica é essa busca explicativa de Sartre, alicerçada em uma percepção de um indivíduo consciente, singular, distante da idéia relacional de Bourdieu, que apresenta o agente, dinamicamente inserido em regras e estruturas próprias do campo de que faz parte.

Nesta relação, estará não a trajetória coerente ou as equações vetoriais entre causa e efeito, ambas criticadas por Bourdieu, mas antes se dará conta das perturbações que há nesta trajetória, que

não satisfazem essa coerência biográfica. Nesta nova proposta, os silêncios, a memória, as representações, a linguagem e a experiência ocupam um lugar chave numa produção etnográfica. É preciso recordar, no entanto, como escreveu Suely Kofes (2001, p. 24), que a trajetória de vida é comparada a um itinerário no qual são privilegiados o caminho e o percurso, e para pensar esta trajetória é preciso buscar um distanciamento das marcadas e clássicas oposições onipresentes nos debates acerca das “histórias de vida” (objetividade e subjetividade; sujeito e estrutura; indivíduo e sociedade), e dar conta, ainda das “marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências” (p. 24), segundo a crítica de Kofes a noção bourdieuana de agente.

Para dar conta deste imprimir dos sujeitos, Brunner localiza no narrar uma história de vida, a expressão da experiência nunca alcançará a totalidade do indivíduo, haverá sempre hiatos entre a realidade, a experiência e a narração delas. Esses hiatos também por sua vez, produzem sentidos. No artigo de Brunner, *Etnografia como Narrativa* (1986), surge uma interessante reflexão a respeito da “implícita estrutura narrativa” que guia os trabalhos etnográficos. O autor procura estender a noção de etnografia como discurso para problematizar a etnografia como gênero de “história contada” (BRUNNER, 1986, p. 139). Todas as narrativas guardam um projeto político definido, denunciando seu tempo (p. 139-142). Operando nos níveis semânticos e sintáticos, as histórias etnográficas produzem sentidos. As estruturas narrativas organizam esses sentidos, formatando experiências, num ritmo que entra em compasso com o projeto político dominante (p. 142, 143). Nesse sentido, as etnografias abarcam os

elementos-chaves da narração: a história, discurso, enredo.

Na autobiografia citada, Lane primeiramente registra, na introdução do texto, a dificuldade de se ignorar “o próprio ego” para registrar sua vida. Segundo ele havia ainda, a necessidade de proteger certas pessoas, que poderiam cair “nas mãos do governo federal”, caso o texto fosse mais explícito. Nos sete capítulos seguintes, então, ele narrará algumas situações, sem descer a grandes detalhes, nem citar nomes ou dados que facilitem identificar os protagonistas destes fatos.

Ao compeli-se a contar sua história, Lane ressalta que as memórias relativas à família biológica são bastante limitadas, e que os registros realizados pelas instituições oficiais de sua cidade natal sofreram um incêndio, bem como os que estavam no orfanato em que viveu parte da infância. Na primeira parte de seu relato, “Família Biológica”, ele recorda seu pai como “um bêbado, um canalha, que vivia uma vida da pior espécie possível”, que teria casado com sua progenitora em 1934, aos trinta anos, no mesmo ano que a conheceu. Ele fora um trabalhador agrícola nômade e sua mãe era uma jovem garota de quinze anos, quando foi desposada por ele. Lane foi o quarto filho do casal, e nasceu no dia de aniversário de sua mãe, na data de 2 de novembro de 38, numa quarta-feira (dia de Odin, segundo ele), na cidade de Woden (nome germânico de Odin). Esses dois fatos são as justificativas para que ele se utilize de uma caneta que tem gravado “filho de Odin”. O pai de Lane surrava a esposa e os filhos com frequência, vendia a esposa a amigos para favores sexuais, a fim de comprar bebida, e num das muitas agressões que impunha aos filhos tornou o irmão mais velho de Lane, Roger, surdo, por um

espancamento que causou perfuração nos tímpanos. Depois que deixou a família, o pai de Lane teria se envolvido com outra mulher, e como a agredira também, um de seus irmãos o matara, esmagando-o com um martelo.

No segundo capítulo, “Infância”, Lane fala de sua vida no orfanato, que durou poucos meses, e de sua adoção por um pastor luterano, que falava dinamarquês e viajava o país para realizar pregações. Este pastor lhe impôs “horas intermináveis de devoções”, e um Jesus que Lane considerava puro tédio. Os antigos deuses Wotan e Thor foram lhe apresentados como vencidos, e ele conta que se sentia extremamente atraído por suas histórias, mas não pela forma como os luteranos os descreviam. Sua trajetória cruza os relatos da Segunda Grande Guerra Mundial, em especial as notícias que se divulgavam a respeito da morte dos judeus em campos de concentração nazistas. Ele conta que ao brincar “de guerra” com outros garotos, sempre fazia o papel de alemão, e gritava “Heil Hitler” e “Sieg Heil” para os outros jovens, nestas brincadeiras. Apaixona-se por jovens loiras de olhos azuis, o que mais tarde, segundo ele, determinaria sua preocupação em evitar o desaparecimento da beleza da mulher branca da Terra.

A tentativa do discurso é de enfatizar seus laços e sua vocação com o mundo ariano: sem grandes laços com sua família biológica, é mais verdadeiramente filho de Odin, por sua data e local de nascimento. Nunca se deixou enganar pelas religiões cristãs, mas permaneceu fiel aos deuses verdadeiros, nórdicos, e ainda adolescente reconheceu o judeu como inimigo e o alemão como herói. Tal discurso biográfico é tecido por David Lane de forma a destacar esses elementos, legitimadores e legitimantes,

colocando em convergência símbolos e fatos que apontam para sua “missão”. Nos termos de Joan Scott, Lane descreve sua história a partir de um ponto: “uma consciência de si próprio” que parece anterior a seu nascimento, posto que determinou, inclusive, sua hora e lugar. Nesta “consciência de si”, há uma espécie de “reconhecimento de sua identidade autêntica, aquela que sempre compartilhou, e que sempre iria compartilhar com outros como ele (SCOTT, 1999, p. 43). Ao construir sua narrativa a respeito de sua trajetória de vida, Lane destaca estas experiências exatamente porque elas se somam neste processo de modelagem de si como ariano, processo que toma forma ainda mais definitiva no terceiro capítulo do texto quando Lane rememora como em 1978 já escrevia a respeito, posteriormente a grandes “pesquisas”, de como as nações ocidentais estavam governadas por uma conspiração sionista que objetivava o genocídio da raça ariana. As catorze palavras foram então compostas, e surgiram as primeiras grandes campanhas de divulgação do material por ele escrito.

Algumas considerações finais

Quando, portanto, Lane se materializa como líder e pensador da supremacia branca, ele soma um contexto social e histórico específico, para desenvolver as categorias que determinaram seu discurso, suas experiências e sua trajetória: brancos, arianos, judeus, negros, pesadelo multirracial. Nestas categorias ele tece discursos que serão compartilhados por amigos transmutados em discípulos. Enquanto isso, em 1981, quando ele tinha 33 anos, a ADL (Liga Anti-Difamação, uma instituição estadunidense), teria tentado assassiná-lo, sem êxito. A proposta de Lane não passa despercebida: o grande líder ariano quase é morto pelo judeus

aos 33 anos, idade atribuída a Jesus Cristo na época de sua morte. E, ainda assim, teve sua literatura confiscada e foi na época “crucificado” pela mídia.

No texto restante, David Lane descreve como a mídia, a ADL e o governo federal (segundo Lane, um governo ocupado por sionistas) tramaram uma conspiração para calá-lo e prendê-lo, e como ele, heroicamente resistiu a tudo isto. Descreve seu julgamento pela morte de Alan Berg. Relata sua experiência de prisão, junto a outros prisioneiros negros, as agressões que sofria por parte deles. Aqui, a liderança de Lane no movimento já era destaque nas notícias e, posteriormente, com o advento da Internet, em sites, fóruns e, mais tarde, em centenas de blogs. Este destaque inclui uma fusão de muitos matizes narrativos, momentos de crise e estabilidade, ciclicamente presentes numa tensão entre ordem e desordem, produtora de estruturas, sentidos e paradigmas. Um drama social, conforme descrito em *Social Dramas and Stories about Them*, de Victor Turner (1980), que foi capaz de inter-relacionar “loops”, nos quais, de maneira performática, os aspectos estruturais retoricamente implícitos denunciam contradições estruturais da vida social. Fazem parte desses dramas sociais diversos tipos simbólicos: os traidores, os redentores, os vilões, os mártires, os heróis, entre outros, narrados na tessitura desse drama social, como personagens exemplares e paradigmáticos, que dessa forma garantiriam sua imortalidade social (p. 150-156). Lane exemplifica muito bem esse uso do drama social que, para Turner, funcionaria como uma matriz de experiências, por meio das experiências performáticas da cultura, de modo a estabelecer uma declaração contra a indeterminação e oferecendo, portanto, elementos para narrativas jurídicas,

literárias, morais, complexificando, portanto, todas as modalidades de ação social.

Os escritos de Lane foram lidos por mais de quatrocentas e cinquenta mil pessoas, apenas nos Estados Unidos.¹² No Brasil pelo menos cento e cinquenta mil pessoas são simpatizantes do movimento racista, cerca de um terço disto apenas no Estado de Santa Catarina.¹³ O maior site neonazista brasileiro, o Valhalla88, tem sua sede em Santa Catarina e alcançou a significativa marca de 200.000 visitas antes de ser retirado do ar, em agosto de 2007. Todos os sites analisados em minha pesquisa citam os textos de David

¹² Os dados estadunidenses são fornecidos em parte pelo Center for Democratic Renewal. Fundado em 1979 como Anti-Klan Network, esta instituição se descreve como uma “organização multirracial defensora de uma sociedade estruturada por uma visão social avançada e democrática, livre de racismo e intolerância” que computa dados acerca deste tema e participa efetivamente de políticas públicas que promovam a igualdade e a justiça. As informações utilizadas ao longo do texto foram recolhidas de seu site na Internet (disponível em <http://www.thecdr.org/>, acessado em 10/02/2006), ou por contato via e-mail. Tomei conhecimento desta organização pelo trabalho de Raphael Ezekiel (1995), que retratou em “The Racist Mind” os Neonazis e membros da Klan, nos Estados Unidos. Uma outra parte dos dados referentes a estes grupos foi, portanto compilada de seu texto.

¹³ Grande parte dos dados acerca do neonazismo no Brasil se refere a dados citados na WEB pelo Sociólogo Túlio Kahn, Pesquisador do ILANUD – Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (<http://www.ilanud.org.br/>), órgão das Nações Unidas voltado para o combate da criminalidade na América Latina. Estes dados foram analisados associados ao meu trabalho etnográfico na WEB, por seis anos, que apurava acessos em fóruns e comunidades, bem como os perfis construídos em sites desse tipo e a dados disponibilizados por ONGs como a Safernet, os Tribunais de Justiça estaduais e as delegacias especializadas em intolerância.

Lane em profusão. Os adeptos do movimento supremacista nele buscam uma espécie perversa de inspiração para tornarem-se, como ele, arianos.

Referências

BARKUN, Michael. *Religion and the Racist Right: The Origins of the Christian Identity Movement*. Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press, 1994

BOURDIEU, P. Espaço Social e Gênese de Classes, in *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

BRUNER, Edward M. Ethnography as Narrative. In *The Anthropology of Experience*. Victor W. Turner and Edward M. Bruner, eds. Pp. 139-155. Urbana: University of Illinois Press, 1986.

CONTE, Édouard; ESSNER, Cornelia. *A demanda da raça*. Uma antropologia do nazismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. Volume I a V. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DIAS, Adriana. *Links de Ódio: Uma etnografia do Racismo na Internet*. Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, 2005.

_____. *Os Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. Campinas: UNICAMP, 2007 (Dissertação de Mestrado).

EZEKIEL, Raphael. *The Racist Mind*. New York: Penguin Books, 1995.

EZEKIEL, R.S. *An ethnographer looks at neo-Nazi and Klan groups*. New York: American Behavioral Scientist, 2002 (n.º 46, p. 51-71)

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Sol Negro: Cultos Arianos, Nazismo Esotérico e Políticas de Identidade*. São Paulo: Madras, 2004.

KOFES, Suely. Sugestões para uma Discussão sobre Identidade. *Travessia*, Lisboa, v. 4/5, 2004.

_____. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. (org). *História de vida: biografias e trajetórias*. Campinas-SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

SCOTT, J. The evidence of experience. *Critical Inquiry*, 17, 773-795, 1991.

STRATHERN, M. The Ethnographic Effect I. (1- 26) The Ethnographic Effect II (229-261), em STRATHERN, M.: *Property, Substance and Effect*, The Athlone Press, The Athlone, London&New Brunswick, NJ, 1999.

TURNER, Victor: Social Dramas and Stories about Them, *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 141-168. The University of Chicago Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1343180>

* **ADRIANA DIAS** é Doutoranda em Antropologia, membro da Associação Brasileira de Antropologia e da *Latin American Jewish Studies Association*.